

A LAGRIMA

QUINZENARIO ILLUSTRADO

PEQUENA CHRONICA

NO INVERNO

(Ao dr. Luiz Novas)

Andam—as avesitas loiras—tristes e cheias de frio, espreitando as restas de sol nas clareiras abrigadas, assim como uma familia emigrada, em patria extranha, em busca de gasalho, em busca de guarida, pobres aves innocentes, que ainda ha pouco saltitavam alegres e contentes por entre os milharacs verdes, nos pomares odorantes, á margem dos lagos, nas cristas da serra, nos outeiros em flor, sadias e vigorosas, as pennas macias como aminho, o pescoço torneado, tão bem torneado como o collo da minha amada, que é suave e que é branca, e tem as suas caricias, a alegria loira do seu canto e a ingenuidade santa dos seus affagos e dos seus amores.

Mas, como o frio é intenso e a geada se estende, n'um lençol branco, elastico e tiritante, as avesitas acocoram-se na grimpá das torres, de manhãzinha, quando o sol laser, e vêm, como um osculo bendito, aquecer as tristes, acocoram-se aos grupos—as infelizes—como um bando de creanças de rôda d'um lar, até que as azitas se distendam, e, depois, as possam elevar no ar, atravez da neblina, de encontro á varanda cazeira, onde creanças rotas esmigalham pedaços de pão, que ellas aproveitam, n'uma confraternidade christã, toda caricia, n'um socialismo innocente, todo amorante, cheio de paz e cheio de amor, n'esta paz que é um osculo de namorados, n'este amor que é uma luarada benção de Deus.

Para os pobres e para os famintos, para essa escória que vive sem casa e sem lume, escória feita do mesmo lado que gira nas veias dos fidalgos e dos príncipes, peregrinação de aleijados e de velhos, procissão de creanças rachiticas e enfesadas, não seria possível tambem organisar-se uma tregua de paz social, servir-se-lhes uma meza consoladora, onde todos commungassem o alimento necessario, n'uma quietude amovavel, assim como as avesitas fazem, aos bandos, aos grupos, na cira onde ficou trigo disperso, na varanda onde as creanças deixam migalhas avulsas?

É possível e é realisavel—para quem tem coração.

Mas a sociedade é uma madrastra, e o coração passou a centralisar-se no estomago. O egoismo domina. O egoismo é o unico motor das sociedades modernas. Poucos se importam, poucos se importam dos desgraçados. É a desgraça é um

mal geral. A desgraça e a fome, que são duas irmãs gêmeas.

O proletariado vive n'um círculo de amarguras. O inverno é o seu calvario. Se elle tivesse a resignação do Christo, ainda podia humedecer os labios com a esponja embebida em fel. Mas o fel dá-lhe a sociedade, relegando-o ao despreso, atirando-o ao monturo.

E d'aqui, d'este despreso aviltante, é que surge e se alimenta a onda temerosa do anarchismo.

É necessario ter piedade. É indispensavel que o coração humano não seja simplesmente um musculo.

As noites são longas como uma saudade; cruciantes como uma dôr neuralgica; arrepiantes como uma sensação de desgosto. A neve e o frio entram pela trapézia, como dous esqueletos, a tactear no escuro. Encontram os berços das creanças com farrapos, o lume apagado, a cama nua, a maceira sem pão e o alhar sem lenha!

Quem se consola? Quem presta soccorro á pobreza e á miseria?

Tem o despreso quando a saúde lhes conserva a pallidez das faces, e o hospital quando a doença lhes inutilisa de todo o movimento para andar, de porta em porta, n'uma peregrinação miseravel, pedindo uma côdea de pão duro!

Instituições modernas, uma sopa economica á altura da verdadeira philantropia, onde o proletariado possa ir, dignamente, sem se vergar á humilhação da esmola,—porque o pedir é sempre aviltante á dignidade humana—, donde se ha?

Para o desgraçado, para o mendigo, que protecção lhe dá a sociedade?

Eu estou d'aqui a ver a lividez assaltar a face das creanças que, ao anoitecer, andam de porta em porta pedindo o gazalho d'uma barra, d'uma loja, d'um cabêrto, para, em cima d'uma pouca de palha, descansar o corpo doente—da peregrinação desolante d'un dia inteiro—, trazendo apenas no suirão ensebado um pedaço de pão duro e azedo, que lhe deram, a tres leguas de distancia, depois de muitas lamurias e de muitas lagrimas.

E, se estas creanças são raparigas, quantos perigos não tropeçam no caminho, quantos olhares cubicosos e malignos as não cercam e as não tentam?

Andam, como as pobres avesitas, a saltar pelos alpendres encandorados das serras, espreitando o sol do aconchego social, humilde, e encontram, a maior parte das vezes, o chão erivado

A LAGRIMA

de precipícios, e o gasalho, que devia minorar-lhes a desgraça,—augmentar-lh'a, numa enfiada generosa de atropellos á propria honra, que era o seu unico luarado bem estar de consciencia!

Olhavam, innocentes, para a sua alma, e ella discendia-se toda n'um sorriso de paz e de virtude.

Agora, olham para o presente, e o remorso pñe-lhes na face uma tristeza cõr de chumbo. Não sorriem como d'antes, n'uma alegria franca e communicativa. O olhar não é tão suave, o sorriso não é tão doce. E, no entanto, quem é o responsavel da eterna noite que baixou sobre a paz alegre d'estas creanças?

É a sociedade. Simplesmente a sociedade.

Ellas espreitavam o sol, quando a neve deseia dos montes; buscavam o gasalho d'uma barra. Já não almejavam a quentura consoladora d'uma fogueira.

É a sociedade, no desprezo aviltante de todas as leis humanas, fechou-lhes as portas dos ca-zács, e disse-lhes:

—Ide para o monte: subi á serra. O sol lá no alto vem mais cedo aquecer-vos.

E quando as creanças partiam, lamuriosamente, como aves implumes ao cimo d'un lago de neve, a sociedade monologava:

—E os lobos tomarão conta de vós.

Os lobos!

Que é no que se tem transformado a maior parte dos homens.

Piedade—¿quem a tem?

Só quem tem coração.

SILVA ESTEVES.

Um casamento engallinhado...

Em 29 do passado mez d'agosto na igreja de Panque e Mondim, d'este concelho, appareceram dois noivos para se matrimoniarem. Elle, de 72 annos, rijo como o carvalho do norte, mas com o coração flexivel como uma varinha de salgueiro; ella, de 44, fresca como uma melancia e capaz de ficar viuva tres vezes...

Na sacristia, o noivo:

—Sr. abbade, aqui estou e maila noiva p'ra me arreceber assim que tiver maré.

—Sim senhor. ¿Traz v. os direitos que me pertencem, a gallinha e o molléte?

—O molléte está aqui, a gallinha... dou-a ó despois.

—Tenha paciencia, vá buscal-a.

—Pois então von por ella.

Foi a casa. A capoeira estava vazia; as gallinhas esgravuchavam pelos campos immediatos. Chama por ellas:

—Pipi pipi pipi. Diabos vos levem, quando vós sodes precisas não appareides.

Foi, desesperado, a casa d'uma visinha:

—¿Maria? ¿Maria?

—Quem é?

—Sou eu: olha se me emprestas uma gallinha, porque fui agora p'ra m'arreceber, porém o padre quer já os direitos todos.

—As minhas soltei-as pula minhão; mas estão ali duas na capoeira a pôr: espera.

E foi buscar uma, entregando-a ao noivo. Este leva-a, mas no caminho foga-lhe das mãos correndo, porque não tinha as pernas ataladas.

—Diabos levem o diabo e maila minha sorte. ¿P'ra que m'atembrou casar segunda vez?

Corre á igreja:

—Sr. abbade, tenha paciencia, faça favor de me casar; quinta-feira dou-lhe o bicho; venho desesperado porque o demonio fugiu-me quando eu estava já á beira do adro. Arre diabo!.. arre diabo!.. Antão ainda lhe digo mais: se não fosse por a noiva ficar mále já não queria saber de casamento. Sume-te póro sujo...

—Pois vá lá, mas custa-me bastante porque estou aqui de novo e não os quero por em fraco costume...

Estão casados. Que lhes faça muito bom proveito! Oxalá que no decorrer da vi la não appareça aos encarquilhadissimos velhos uma gallinha assim...

Nem pito...

Um nosso assignante da rua Direita faz carêtas como um macaco e assobia como uma giboia, por lhe parecer impossivel que se possam levantar pellos na cabeça d'um careca...

Coitado!.. Este é farto de cabelo—mas calvo d'intelligencia...

Não tosga de ledes...

Baixo de estatura, vermelho como uma mala-guêta, Mamel Zé é um homem teso como um víróte e que n'um passo miudinho e rapido é capaz de correr as sete partidas do mundo, n'um dia,—motivo este por que os commerciantes o procuram para elle fazer aviso aos caloteiros de longe.

N'uma d'estas semanas foi elle encarregado por um commerciante da Porta Nobre de fazer um dos taes avisos a um lavrador de Milhazes. Posto a caminho e chegado ao local entrou de dialogar com o cãoseiro:

—Trago aqui este «processo» e venho resolvido a «arrestal-o». Já houve bastante tempo para v. satisfazer a conta; agora vou proceder conforme a lei.

Note-se que elle não levava processo nem podia arrestal-o: ia só fazer o aviso.

O lavrador:

—Antão leia lá o processo...

Primeira entalaçãõ para Manuel Zé, que não sabe lêr...

—Ai que me esquecaram as lunêtas... valha-me a Virgen...

A LAGRIMA

—Eu mando pedir umas ali adeante...

—Não faz minga.

—Nada, ellas vêm já...

Vieram; Manuel Zé peganlo n'ellas acavalleias no nariz e, tomando posições de actor:

—Não vejo na lá, é curioso; não são proprias para a minha vista, acabou-se. Olhe, sabe que mais, vou chamar as testemunhas, o sr. está mangando com a justiça.

—Ora balha-me a debina probilencia!.. Eu não tenho necessidade de o offender seu Zé...

—Deixe-se de pallejo. Está citado.

—Seu Manuel, eu vou pagar isso qualquer dia; não se atlija. Venha d'ahi almoçar.

Ainda palavra não era dita, já Manuel Zé:

—Está b)... não é preciso mais nada... basta a sua palavra honra la... Gostei agora da sua sinceridade... Fiz, é verdade, grande descampatorio, mas a gente é obrigala a isto...

—Com augas passadas não móe o moinho. Está o almoço na meza; vamos almoçar.

Almoçaram. No decorrer da refeição houve alegria aos alguidares. O Manuel Zé estava com bôlha; fez rir pedras.

—Vamos agora provar na pinga do novo a adega.

—Tem sulfato?... diz Manuel Zé.

—Nanja o meu. Desga, faça favor.

Abriu-se um alçapão e por elle se escoou o lavrador seguido do companheiro.

—Vamos primeiro provar aqui uma pinza do Douro, cujas vides provam bem cá na quintasinha.

É ao tempo que disse isto pegou na mão do Manuel e condazin-o a outro compartimento que não prinava pelo bom cheiro, pois que ambos levaram os dedos ao nariz. Correu-se um fecho de madeira e abriu-se uma porta. Manuel Zé foi o primeiro a entrar, embora que muito desconfiado, pois aquillo não lhe parecia segund a adega... Como vinha da claridade para o escuro não pôde distinguir bem. A porta foi fechada. Manuel Zé começou ás apalpadelas como um cêgo; n'isto as mãos pousam n'um corpo quente, segue-lhe as formas; ouve um ruido que lhe parece agua cahindo, e chega-lhe as ventas um cheiro de farello escaldado... O corpo que tinha apalpado levanta-se e grunhe...

Conhece que foi enganado. Está na côrte dos porcos... «Chama, ninguem lhe responde, olha, não vê ninguem».

Só depois de estar preso um dia quasi inteiro é que o lavrador o foi botar a voar, dizendo-lhe:

—Agora vai ceiar...

Se quizessem ver a força com que o Manuel Zé lhe apresentou as armas de S. Francisco e em que instante percorreu o caminho... Um foguete...

Pelo vinho morre o homem...

Veio-nos á mão esta carta de namoro, curioza, que offerecemos aos dandys cá da parvonía, para, por sua vez, a offerecerem ás sopeiras do seu

coração... Porque esta carta quer um coração muito grande...



«Amava e mais que-rida a mor do meu coração estimo que tenha saurle e toda a sua Jaração; estimo que estas duas millos nuta las letras as a seite e garle dentro em seu coração, a legria do meu corpo e desterro das minhas paichós; A deus fregia de Jirmon le que estais xhea de felór e brilhantes r on le imprago todas as minhas horas e estantes; Bai felis carta ás mãos do meu carro bem e dille que os meus ólos ficaram xurando por não poder hir tambem; e se te poregontar quem foi que te espuehreu dille que foi uma pena que nu meu cooração nasseu, bai felis carta vuanlo nas azas de uma pomvlnha asseita e garda a mor como pren la minha, estimaria her esses holos tam brilhantes que para mim é alegria amor um cooração tanto a mante e para que vós saibes a legria que reina em meu coração é que hoje bus mesmo quis dar sestifação d'este meu tris cooração estimava que se vós fosse alguma parte para os lados de cá estimava que me mandasse dizer que fazia muito gosto de hir a mais vós a qualquer parte que a menim quizesse quer fosse a Barcellos quer fosse on le fosse.

Espozen le

J. J. A.»

NOTAS DA QUINZENA

Tem havido uma extraordinaria falta de agua em tolos os tanques, fontes e fontenarios da villa. Em Barcelinhos, então, isso tem sido uma desgraça. A agua sumiu-se toda, e não se sabe para onde. Uns dizem que foi de en-ommen-la para casa dos boticarios—para passar por cousa milagrosa; outros, e talvez com mais rasão, dizem que ella tem ido mas é para casa dos ven-leiros e dos lavradores, para baptisar e mixordar os vinhos novos. A estes dou a mão. Entendo que tem razão. O que é certo é que as cozinheiras veem-se atrapalhadas; as criadas de sala não tem agua para o jarro do patrão; a patrão já não pode tomar dous banhos por dia, como d'antes; ... uma desgraça, porque lá diz a Ritinha que, não haven-

A LAGRIMA

da agua, principia logo a haver muito mau cheiro nos quartos. Especialmente nos trazeiros.

As aguadeiras berram, berram...

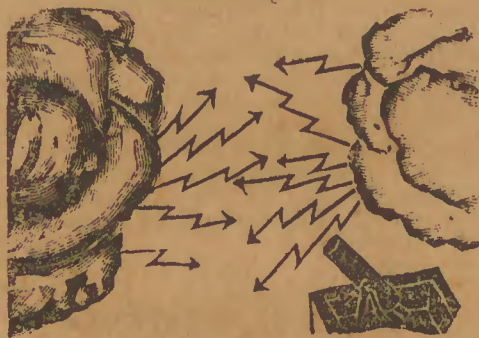


Mas a Camara anda a estudar o novo plano de desembarque no cães de Barcelinhos, e, por isso, não ouve nada.

—A questão communicavel, longa como uma noite de dezembro, e massadora como um sermão do padre Pedrosa, continua, com estilhaços de bombas de parte a parte.

Como já vai cheirando a esturro, nós principiamos a metter algodão phenicado na carteira—para o que der e vier.

Os ares estão muito carregados.



Veem-se raios e coriscos.

Mas, enquanto não estourar a bomba, nós vamos nos rindo.

«Rira bien que rira le dernier...»

—O sr. padre não sei qué de Deus pregou ha dias um sermão, em St.^a Eugénia, promessa d'uma beata de longe, confessada do palve Lopinhos, que foi muito substancioso.

Se não em doutrina, ao menos em cobres.

A gente regalou-se de ouvir d'estas bellezas grammaticaes:—com a promessa cuja promessa—zela lores e zeladeiras, etc. etc.

¹Vive-se. Tempos muito apertados, como diz o o Giestas.

—Recommen ta-se aos paes de familia que não dei-

xem ir as filhas á praça. Não é por causa dos leões. E' por causa da lingua da Naeba, que anda sempre suja como o fun lo da canastra das sardinhas.

—O Gonçalves Neves e outro, dous animaesinhos lisboetas, chegaram ha dias á redacção da «Lagrima» pedin-lo pão e trabalho.

Pão, demos-lhe favinhas e palha painça.

Trabalho não lhe demos, porque fartos de bastas andamos nós cá pela parvonia.

E elles, depois d'isto, lá se foram de longada. Que os moscardos os acompanhem...



MORTES...

Um dia d'estes ouviram-se distinctamente no hotel Cardoso dois grandes tiros. Estando n'essa occasião perto d'aquella casa de pasto uma auctoridade e um reporter muito conhecido, julgando tratar-se d'un suicidio,—foram com as devidas precauções informarem-se do succedido.

—Que foi, sr. Cardoso? Ha alguma novidade cá no hotel? Ouviram-se uns tiros ali para dentro...

—Al... isso é o sr. Lucas que anda matando ratos a tiro...

Matar ratinhos a tiro

A ninguém já causa espanto;

Pois nas manobras, ha pouco,

A artilheria não fez tanto.

Foi ha dias apresentada no juizo de direito d'esta comarca uma participacão que começa assim:

«F. na qualidade de pae de seu filho F. vem trazer ao conhecimento», etc.

Estas duas linhas, que á primeira vista nos pareceram vulgares, poem em confuzão toda a genealogia, e dão-nos a conhecer categoricamente que qualquer homem póde ser pae dos filhos d'outro.

Se ao auctor da participacão perguntassemos quem era o pae dos filhos de Z. bedeu, elle teria certamente difficuldade em nos responder...